

ABBY WAMBACH



ALCATEIA

**Como a união e o
poder feminino podem
VIRAR O JOGO**



ALTA BOOKS
EDITORA

Rio de Janeiro, 2022

Sumário

Nota à Leitora	xi
Bem-vinda à Alcateia	1
1: Você Sempre Foi o Lobo	15
2: Seja Grata E Ambiciosa	25
3: Lidere do Banco de Reservas	35
4: Torne o Fracasso Seu Incentivo	45
5: Ampare Uma à Outra	55
6: Exija a Bola	63
7: Dê o Máximo	73
8: Encontre Sua Alcateia	81
Hora de Mudar o Jogo	89

Você Sempre Foi o Lobo

Regra Antiga: Permaneça no caminho.

Regra Nova: Crie seu próprio caminho.

AMOSTRA

Assim como a maioria das meninas, fui ensinada a manter a cabeça baixa, seguir no caminho e fazer meu trabalho. Eu era como a droga da Chapeuzinho Vermelho.

Você conhece esse conto de fadas — ele é apenas uma reiteração das histórias admonitórias contadas às meninas em todo o mundo. A Chapeuzinho Vermelho passeia pela floresta, tendo que respeitar instruções rigorosas: siga no caminho; não converse com ninguém; mantenha a cabeça baixa e escondida sob sua capa estilo *O Conto da Aia*.

E ela segue as regras... inicialmente. Mas então se atreve a sentir um pouco de curiosidade e arrisca sair do caminho. É nesse momento, claro, que ela encontra o Lobo Mau e o caos se instaura.

A mensagem dessas histórias é clara:

Siga as regras.

Não seja curiosa.

Não fale demais.

Não crie expectativas.

Do contrário, *coisas ruins acontecerão*.

Porém, quando analiso o mundo, e relembro minha vida, é evidente o fato de que essas histórias não são verdadeiras. Todas as coisas boas que aconteceram comigo — e com as mulheres que respeito — foram resultado do atrevimento de arriscar sair do caminho.

Quando eu era jovem, me disseram: Meninas boas usam vestidos.

Eu odiava usar vestidos.

Ao usar um vestido, eu me via no espelho e sentia um nó no estômago que subia até minha garganta. Olhava para mim mesma e pensava: “Não gosto da minha aparência ou de como me sinto. Essa não sou eu.”

Sentia a necessidade de prender a respiração do instante em que colocava o vestido até o momento de retirá-lo. Era como se fosse uma fantasia que escondia quem eu realmente era, para me encaixar, ser boa.

Não temos todas uma fantasia que usamos para esconder nossa loba?

O questionamento da minha infância era: “Por que não posso usar o que eu quero?”

Quando comecei a frequentar o ensino médio, em uma escola só para garotas, as regras pareceram mudar.

Lembro-me de sentar na sala de aula e testemunhar a completa mudança de caráter em algumas das minhas amigas. As meninas que permaneciam caladas perto de nossos amigos se mostravam animadas e opinavam em nosso ambiente só de garotas. As meninas que raramente comiam algo perto deles se alimentavam normalmente em nosso horário de almoço. E não eram apenas as maneiras de agir ou comer que se alteravam quando não havia meninos. Nossa forma de se vestir também mudava. Na escola, usávamos roupas confortáveis, sem o intuito de chamar atenção. Aprendemos que meninas não precisam se vestir para meninos, mas para nós mesmas.

Podemos externalizar nas roupas aquilo que sentimos interiormente. Podemos optar por nosso próprio conforto mesmo que isso incomode outras pessoas.

Namorei meninos no ensino médio, pois minha educação religiosa e minha cultura me ensinaram que era isso que as meninas deveriam fazer. Garotos eram legais, eu acho. Foi somente quando senti uma paixão por uma garota que percebi que o amor deveria ser mais do que apenas legal. Devido ao medo de perder minha família, decidi que me assumir homossexual não era uma opção. Isso partiu meu coração.

O questionamento da minha adolescência era: “Por que não posso amar quem eu quero?”

Tentei ocultar essa parte de mim o máximo que consegui. Então, durante meu último ano no ensino médio, vivenciei o amor verdadeiro pela primeira vez. Era um sentimento tão essencial e necessário quanto ar, alimento, moradia. Iniciei meu primeiro relacionamento homoafetivo como a maioria dos homossexuais naquela época — em segredo. O sigilo era tanto enfurecedor quanto estimulante. Eu não podia contar para ninguém, então me sentia amedrontada e isolada da mi-

nha família e dos meus amigos. Porém, também aprendi que o amor verdadeiro é uma necessidade humana e que, se eu me negasse isso, minha loba interior morreria. Receosa — e, por muito tempo, em segredo —, escolhi o amor. Escolhi a mim mesma.

Posteriormente, comecei a sonhar em me tornar uma jogadora profissional de futebol. O problema era que o futebol profissional feminino era tão novo e subestimado que eu nem sequer sabia que existia. Então, eu assistia aos jogos da Seleção Masculina dos EUA e pensava: *Mas eu poderia fazer isso. Eu quero fazer isso.*

O questionamento dos meus 20 anos era: “Por que não posso me tornar o que eu quero?”

Mal sabia que, nos bastidores, as mulheres estavam criando as oportunidades que um dia eu aproveitaria para construir minha carreira. Elas lutavam pelo Título IX das Emendas Educacionais de 1972, desenvolviam ligas profissionais femininas e entravam em greve a fim de garantir salários dignos para a emergente equipe nacional de futebol feminino. Na

época que terminei a faculdade, mulheres que nunca conheci já haviam começado a abrir o caminho que eu seguiria.

Essas mulheres não seguiram um rumo de vida estilo Chapeuzinho Vermelho. Não havia um caminho para elas, então estabeleceram um novo. Elas o constituíram — ladrilho a ladrilho — para que as gerações de lobas pudessem trilhá-lo. Elas criaram coisas para mim que eu nem sequer sabia que precisava. Elas dedicaram suas vidas e suas carreiras a construir algo que muitas delas tinham a consciência de que jamais aproveitariam — mas o fizeram mesmo assim.

Se pudesse voltar no tempo para dizer algo ao meu eu mais jovem, seria:

Abby,

Você nunca foi a Chapeuzinho Vermelho.

Você sempre foi o Lobo.

Há uma loba dentro de toda mulher. Sua loba compreende quem você foi feita para ser antes que o mundo lhe dissesse quem deveria ser. Sua loba é seu talento, seu poder, seus sonhos, sua voz, sua curiosidade, sua coragem, sua dignidade, suas escolhas — sua identidade mais autêntica.

Você Sempre Foi o Lobo

CHAMADO À ALCATEIA:

Vista o que quiser.

Ame quem você ama.

Torne-se o que idealiza.

Crie o que precisa.

Você nunca foi a Chapeuzinho Vermelho.

Você sempre foi o Lobo.

AMOSTRA

AMOSTRA

Seja Grata E Ambiciosa

Regra Antiga: Seja grata pelo que tem.

Regra Nova: Seja grata pelo que tem
E exija o que merece.

AMOSTRA

Quando me aposentei do futebol, a ESPN decidiu celebrar minha carreira me agradando com o Icon Award. Recebi o prêmio no ESPYS — o evento transmitido em rede nacional — com outros dois campeões aposentados: Kobe Bryant, da NBA, e Peyton Manning, da NFL.

Eu estava animada. Parecia algo importante. Meu primeiro pensamento foi: “O que vestirei?”

Minha resposta: *Exatamente o que eu quero vestir* — tênis e tudo. Comprei meu terno sob medida e um par de tênis cintilantes. Descolori o cabelo e raspei as laterais. Por que não ser um ícone do futebol e da moda na mesma noite?

Na noite do ESPYS, Justin Timberlake, o apresentador de nossos prêmios, subiu ao palco e mostrou vídeos de destaque da nossa carreira para o público. Ele falou sobre o que nós três tínhamos em comum: talento, coragem, determinação. Enquanto Justin descrevia os esforços que nos dispusemos a fazer, ele mostrou uma filmagem na qual grampeavam minha cabeça ensanguentada durante um jogo. Ele parou e disse, surpreso e admirado: “Eles grampearam. A *cabeça* dela.”

A plateia se retorceu e riu, o que fez com que eu me sentisse como uma pessoa dura — digna do palco em que estava.

Quando chegou a hora de recebermos nossos prêmios, nós três nos juntamos enquanto as câmeras filmavam e o público aplaudia. Não sei como Kobe e Peyton se sentiram naquele momento, mas eu senti uma gratidão extraordinária. Estava grata por estar lá — ser incluída ao lado de Kobe e Peyton. Tive uma sensação momentânea de conquista, como se as atletas tivessem finalmente conseguido.

Então, os aplausos pararam; era o momento de sairmos do palco. Ao observar aqueles dois homens se dirigirem à saída, ocorreu-me que, apesar de deixarmos carreiras semelhantes, os futuros que enfrentaríamos eram bem diferentes.

Cada um de nós — Kobe, Peyton e eu — fez os mesmos sacrifícios por sua carreira; derramou a mesma quantidade de sangue, suor e lágrimas; venceu campeonatos mundiais do mesmo nível. Por décadas, demos nosso melhor em campo, com a mesma ferocidade, o mesmo talento e o mesmo comprometimento. Mas nossas aposentadorias definitivamente não seriam as mesmas, pois Kobe e Peyton deixavam aquele palco e caminhavam em direção aos seus futuros com algo que eu não tinha: contas bancárias com saldos enormes. Por causa disso, eles tinham outra coisa que me faltava: liberdade. Seus dias de luta haviam terminado. Os meus estavam apenas começando.

Mais tarde naquela noite, já em meu quarto de hotel, deitei na cama e, finalmente, reconheci o que fervilhava dentro de mim há décadas: raiva.

Na Copa do Mundo de Futebol Masculino da FIFA realizada em 2018, o time vencedor recebeu um prêmio de US\$38 milhões em dinheiro — uma quantia dezenove vezes maior do que a recebida pela equipe campeã da Copa do Mundo de Futebol Feminino da FIFA em 2015. Dezenove vezes maior. Isso apesar do fato de que, em 2015, quando a Seleção Feminina dos EUA venceu a Copa do Mundo, ela proporcionou um lucro de US\$6,6 milhões, enquanto o da Seleção Masculina foi de pouco menos de US\$2 milhões.

Fiquei com raiva de mim mesma por não ter me manifestado ainda mais sobre essa desigualdade e essa injustiça gritantes.

Fiquei com raiva por minhas parceiras de equipe, minhas mentoras, todas as mulheres, pois eu sabia que não era apenas sobre mim e nem apenas sobre esportes.

Minha história é a história de toda mulher.

Em média, ao longo de suas carreiras, as mulheres de todo o mundo ganharão significativamente menos do que os homens em cargos equivalentes. No primeiro trimestre de 2018, em comparação, as mulheres norte-americanas ganharam 81,1% do valor recebido por seus colegas do sexo masculino em todos os setores e em todas as faixas etárias. Estudos mostraram que, em média, as mulheres precisam trabalhar 66h a mais para ganhar o mesmo salário que seus homólogos. A desigualdade salarial é ainda mais devastadora para as mulheres não brancas: as negras geralmente recebem US\$0,63 e as latinas, US\$0,54 para cada US\$1 pago a um homem branco que ocupa o mesmo cargo.

Durante minha carreira, passei a maior parte do tempo da mesma forma que no palco do ESPYS: apenas me sentindo agradecida. Fui tão grata por receber um salário, por representar meu país, por ser o “token” de inclusão das mulheres e por qualquer sinal de respeito que tive medo de usar minha voz a fim de exigir mais para mim mesma — e igualdade para todas nós.

O que mantém a existência da diferença salarial não é apenas o privilégio e a cumplicidade dos homens. É a gratidão das mulheres.

Nossa gratidão é a forma como aqueles que detêm o poder usam o tokenismo de algumas mulheres para manter o resto de nós sob controle.

AMOSTRA

Seja Grata E Ambiciosa

CHAMADO À ALCATEIA:

Seja grata.

Mas não seja APENAS grata.

Seja grata E corajosa.

Seja grata E ambiciosa.

Seja grata E justa.

Seja grata E persistente.

Seja grata E veemente.

*Seja grata pelo que tem E exija
o que merece.*

AMOSTRA